

A REFLEXÃO E O ESPAÇO MUSEOLÓGICO: PENSAR, PERGUNTAR E REFLETIR

Dayana Silva de Oliveira
Francisco Ari de Andrade

O homem sábio deve: saber perguntar, ter inteligência e discernimento. A imaginação é um dom notável, mas é muito mais notável aquele que sabe perguntar bem e entender o que é colocado. A inteligência deve ser aguçada, deve irradiar luz. Capacidade e grandeza se medem pela virtude e não pela sorte. O sábio estima todos, pois reconhece o que há de bom em cada um e sabe como custa chegar ao verdadeiro conhecimento.

(RENATO RIBEIRO VELLOSO)

Este presente artigo se propõe a debater o museu como um espaço de reflexão, um espaço filosófico e educativo, considerando-se em que o indivíduo, a partir do seu contato com a exposição, tem um espaço para refletir sobre os objetos que estão presentes na temática da sala, dialogar e construir seus conhecimentos.

Sobre o ato de pensar, perguntar e refletir é o que encontraremos como ação dentro do museu, na maioria das instituições trabalhados pela gestão, meios de facilitar e induzir com ações educativas, mediação com educadores capacitados e rodas de conversas dentro das exposições, ou seja, não é somente olhar o que está exposto e sim raciocinar e indagar o que está exposto.

Na filosofia, o ato de perguntar e refletir são importantes para o indivíduo. A pergunta nos abre para o outro, para a curiosidade, para a pesquisa e nos torna interessados ou mesmo maravilhados diante do mundo. A pergunta nos abre para o mundo. Sobre esse ato filosófico de indagar e refletir Chauí (2000), mostra-nos algumas características quando diz que:

Essas características são: – perguntar o que a coisa, ou o valor, ou a ideia, é. A Filosofia pergunta qual é a realidade ou natureza e qual é a significação de alguma coisa, não importa qual; perguntar como a coisa, a ideia ou o valor, é. A Filosofia indaga qual é a estrutura e quais são as relações que constituem uma coisa, uma ideia ou um valor; -perguntar por que a coisa, a ideia ou o valor, existe e é como é. A Filosofia pergunta pela origem ou pela causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor. (CHAUI, 2000, p.11).

O filósofo Ulpiano T. Bezerra de Meneses, um estudioso que pesquisa sobre o espaço museológico, nos afirma que o museu não deve ser somente um espaço do qual se evoque ou celebre grandes ou famosas personalidades, mas sim um espaço de reflexão sobre a sociedade e seu processo de transformação a partir da exposição. Meneses nos afirma que:

Além de evocar e celebrar o passado, um museu deve organizar-se de maneira a mostrar a sociedade como organismo vivo, sujeito a mudanças. Assim, o museu histórico contribui para o enriquecimento da consciência histórica, isto é, a percepção da vida social como produto da ação humana que gera e transforma. (MENESES, 1995, p. 7).

Nem sempre o museu foi um lugar com caráter reflexivo, antes usado para ressaltar uma figura ou uma nacionalidade, um lugar de celebração dos bens feitos. Desde a sua criação aqui no Brasil, com influências modernas, várias diretrizes museológicas foram criadas, debatidas e reavaliadas para que hoje este espaço seja um espaço de formação e reflexão. E “se antes os objetos eram contemplados, agora devem ser analisados. O museu coloca-se, então, como lugar onde os objetos são expostos para compor um discurso crítico” (RAMOS, 2004, p.7).

A reflexão crítica dentro do espaço museológico é desenvolvida a partir do que alguns filósofos e educadores utilizam para o processo de descobrimento: a pergunta. Toda resposta vem de uma pergunta, e mesmo sem resposta sempre há a pergunta. Mas o que o “perguntar” tem a ver com o processo de reflexão dentro do espaço museológico? Como isso funciona?

O ato de perguntar ou como chama Paulo Freire de pedagogia da pergunta¹ nos revela que há uma narrativa em cada objeto exposto no museu e esses objetos não estão ali por acaso, e sim para mostrar indícios de uma história, como por exemplo: uma exposição que reúne objetos que pertenceram a membros do cangaço no Nordeste e a partir desta se perguntar e descobrir o que foi o cangaço. Por que esta manifestação foi criada no Nordeste? Quais as características do Nordeste e o que faziam os cangaceiros? Quais suas vestimentas? Em que período? E como consequência obter respostas e conhecimentos. E mesmo que não se obtenha a resposta que se queira, o desenvolver desta ação desperta o indivíduo a compreender as relações que formam uma sociedade e seu interesse em saber e conhecer. Sobre isto Meneses diz que:

Ora, creio que uma das principais funções do museu é desnaturalizar essa dimensão material do mundo, isto é, mostrá-lo como produto da ação humana, dos interesses humanos, dos conflitos, valores e aspirações humanas” e “cada vez mais, encontro fundamentos para acreditar que o museu deveria ser o lugar das perguntas, muito mais que das respostas. Sua principal função educacional seria ensinar a fazer perguntas. (MENESES, 2011).

¹ “Segundo Paulo Freire, na obra *Por uma pedagogia da Pergunta* todo conhecimento começa pela pergunta e pela curiosidade, que é uma pergunta. É na pergunta que está o interesse, ou a fome pelo conhecimento necessário para nutrir o pensamento na busca de significados.” Fonte: <http://profeve-raldorocho.blogspot.com.br/2008/06/pedagogia-da-pergunta.html> vistos em 17/12/2013

E nesta ação reflexiva, através de perguntas sobre os objetos “abre-se o espaço para a percepção mais ampla diante da exposição museológica. Mais que isso: alarga-se a postura crítica sobre o mundo que nos rodeia.” (RAMOS, 2004, p. 9) e esta experiência traz ao indivíduo uma experiência não só de saberes, mas também de interação, experiência afetiva, cultural e cognitiva. Não é somente entrar e sair do mesmo jeito que chegou no museu, é entrar e sair com mais ideias, conhecimentos, trocas e sensações. Almeida considera que:

Para o visitante de museu, aprender apresenta uma ampla gama de experiências – desde o domínio de novas informações até um aumento de sensibilidade –, um aumento de curiosidade sobre o mundo natural e um crescimento pessoal. No museu, onde os objetos e ideias estão interligados para transmitir uma mensagem, aprender significa formar opiniões e formar uma sensibilidade estética e cultural. Os fatores envolvidos nesse tipo de aprendizagem consistem, principalmente, em sentimentos subjetivos, condições da mente, e desenvolvimento de significado pessoal sobre o conteúdo do programa. (MONTARA, 1995, *apud* Neves, 2011, p. 32)

Para esclarecer melhor sobre o espaço museológico e o processo de reflexão crítica, dividirei em dois pontos: o primeiro, uma breve narrativa da história do museu no Brasil e o segundo, como se torna um espaço de múltiplas reflexões, e o por que fazer perguntas ao olhar o objeto museológico causa uma reflexão, tornando-o um lugar filosófico.

A História do Museu no Brasil

Falar da história do museu é falar como ele foi, como se formou, transformou e o que ele é atualmente, implica pensar em suas relações com a sociedade. Todo mundo já ouviu falar,

mas precisa saber que é um espaço que apresenta alguma determinada história, memória, uma temporalidade que foi esquecida ou lembrada. Que em um museu se encontram objetos, e estes são em sua maioria artefatos antigos de uma cultura material muitas vezes já substituída, em desuso ou modernizada.

O museu é um lugar que herda um patrimônio do passado e presente a ser conservado, é um lugar de memória que preserva. A exposição mostra os objetos que fazem alguma narrativa, e estes perdem o seu valor de uso e passam a representar muito mais. Brefe (1998) diz que as coleções museológicas representam a acumulação da cultura material do passado e sua exposição é o principal meio pelo qual o passado é publicamente apresentado. E esses objetos encontrados no museu nos dizem os feitos da sociedade, uma exteriorização da memória. Brefe (1998) nos diz que:

O simples fato de estarem inseridos em uma coleção confere aos objetos significados inéditos, para além de sua existência banal. Nas relações, os objetos constituem redes entre si e uma de suas principais funções de oferecerem ao olhar humano. Nesse caso elas perdem seu valor de uso sendo convertidos em elementos simbólicos. (BREFE, 1998, p. 286).

No entanto, essa história e memória que nos são contadas através dos objetos do museu, são mediadas pela instituição e muitas das vezes, ou quase sempre, não é um lugar de consenso. E também já foi um lugar distante do interesse da população.

Aqui no Brasil, por exemplo, em meados do centenário da independência do país, em 1922, os principais museus brasileiros traziam em suas exposições uma história nacionalista que em sua grande maioria contavam os feitos da elite brasileira, militares e políticos e a outra parte da sociedade,

a camada popular, não era representada, o que distanciava muito esse último público do museu. Gerando uma exclusão e caracterizado por uma sociedade positivista, o museu se torna um lugar não de todos e sim de poucos que se identificam com aquela história.

Este espaço como campo de educação passa por transformações ao passo que a sociedade também vai se transformando, reflexões em torno do papel do museu, em todos os contextos e principalmente pedagógico, foram debatidas em grandes eventos, como por exemplo com a Unesco e o Icom². Esta transformação está diretamente ligada aos movimentos libertários do Brasil e do mundo. Santos (2008, p. 68) nos diz que “a redução das desigualdades e, conseqüentemente, dos processos de exclusão em nosso campo de atuação (o museu) está diretamente relacionada à nossa mobilização para a participação, desde que estejamos interessados em construir a participação”. E esta transformação no museu é chamada de nova museologia a que Santos (2008) se refere como sendo:

- Reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos.
- Utilização da memória coletiva como referencial básico para o entendimento e transformação da realidade.
- Incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio, para que a identidade seja vivida na pluralidade e na ruptura.
- Desenvolvimento de ações museológicas, considerando-se como ponto de partida a prática social e não as coleções.

² “O seminário regional da Unesco realizado no Rio de Janeiro em 1958 é parte de um projeto que tinha como objetivo discutir, em várias regiões do mundo, a função que os museus deveriam cumprir como meio educativos” e “em 1971, foi realizada a IX Conferência Geral do Icom, em Paris e Grenoble, com o propósito de discutir o tema ‘O museu a serviço do homem, atualidade e futuro – o papel educativo e cultural.’ (SANTOS, p.74, 2008).

- Socialização da função de preservação.
- Interpretação da relação entre o homem e o meio ambiente e da influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e grupos sociais.
- Ação comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários, objetivando o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social.” (SANTOS, 2008, p. 87).

Com estas reelaborações e transformações ocorridas, o espaço museológico trouxe uma maior participação da comunidade e a tornou-se espaço educativo, muitas vezes até extensão de saber da escola. Cândido reafirma isso quando defende “que o museu pudesse ser um espelho onde a população se veja e se reconheça e onde ela também se exponha para conquistar a compreensão e o respeito de outras comunidades” (p.130, 2009). Tornando-se mais um lugar de conhecimento e aprendizado, lazer e interação para a comunidade e turistas.

Um lugar em que se filosofa, descobre, educa-se e interage Ruoso dá mais detalhes do que esse lugar é capaz de despertar em seus visitantes e trabalhadores museais quando diz que o museu “é uma casa provocadora de sonhos, conflitos, tensões, desejos, continuidades, medos, frustrações, cansaço, luta, luto, contradições, publicidades, festas, ruptura e morte e precisa ser compreendida como uma arena política.” (2009, p.26).

Museu: um Espaço de Reflexão

O breve tópico anterior fez-se necessário para entender um pouco sobre a trajetória do museu, aqui no Brasil, de maneira a nos fazer refletir sobre sua mudança e adentrar neste capítulo em que buscaremos denotar este espaço hoje e como um espaço com objetos artísticos e históricos pode nos fazer

refletir. Um espaço a serviço da sociedade que busca cada vez mais a popularização e democratização de seu acervo, de maneira que possa incentivar o seu público a refletir e problematizar esse acervo.

Muitas ações educativas são criadas para facilitar e ou orientar esta ação como, por exemplo, uma parceria do museu com as escolas e universidades em que, antes dos estudantes visitarem o museu, conversem um pouco sobre suas histórias, as histórias dos objetos que os cercam em sala de aula.

Também há a contratação e capacitação de educadores que façam a mediação às exposições. A busca e uso de pedagogias e metodologias para serem utilizadas pelos educadores com os visitantes, a fim de causar uma interação e diálogo. O uso do teatro, da música, da dança, do audiovisual. Enfim, são diversas ações que os museus criam para com o seu público gerar um resultado positivo. Ramos (2004) nos esclarece melhor quando diz:

O envolvimento entre o que é dado ao olhar e quem vê necessita de atividades preparatórias, para sensibilizar a percepção. Do contrário, não se tem visão, ou pouco se vê. É por isso que a visita ao museu deve começar em sala de aula [...], [...] Se pouco refletirmos sobre nossos objetos, nossa percepção de objetos expostos no museu será também de reduzida profundidade. Sem o ato de pensar sobre o presente vivido, não há meios de construir reflexões sobre o passado. (RAMOS, 2004, p. 7).

A prática de ver o objeto como fonte de pesquisa e reflexão dentro deste espaço, gera no visitante fonte de conhecimento e associações com seu conhecimento prévio. Este objeto é então um gerador. Ruoso (2009) nos explica um pouco desse método:

O método do objeto-gerador estimula no observador um jogo de perguntas com os objetos. Cada objeto

inserido na cenografia- que por si só abre um leque para temas diferenciados – quando está associado ao cenário e posto em diálogo com os demais objetos ou outras documentações produz uma narrativa. (RUOSO, 2009, p. 27).

Este método foi inspirado em Paulo Freire, um grande educador que, para alfabetizar, selecionava palavras do contexto social do aluno, as quais tinham significado na vida cotidiana deles e que pudessem gerar uma apropriação, conhecido como “palavra geradora”. Este método também foi reapropriado para os objetos do espaço museal, conhecido como “objeto gerador”. Ou seja, um objeto pode gerar uma discussão para além do seu significado de uso se pararmos para refletir sobre e nele.

A partir daqui podemos iniciar a problematização de como este espaço e, propriamente o objeto, pode gerar reflexões no indivíduo, como este espaço por ser um lugar para filosofar e vivenciar o “pensar reflexivo” a partir do contexto do espaço e da cultura material.

Quando artefatos da cultura material são selecionados para compor uma exposição e gerar uma discussão histórica ela forma uma narrativa não somente para convencer o visitante, mas “a formação de um discurso expositivo é compreendida, por nós, como o agrupamento de diversos campos e pensamentos.” (PASSOS, 2011, p. 49), podendo o visitante concordar ou não. E esse enredo a ser formado tanto por quem elaborou a exposição e pelo visitante que dá sua interpretação nos mostra que não é um simples objeto para uso ali exposto, mas que capaz de mostrar “[...] as estruturas socioeconômicas, as relações sociais e as relações de produção, em suma a relação entre os homens [...]; (a cultura material) só se exprime no concreto, nos e pelos objetos.” (JUNIOR, 2012, p. 169).

Esses objetos devem ser vistos de maneira tridimensional, segundo Yassuda (2009), como, por exemplo, sua propriedade física que nos remete a sua composição material, construção técnica, cor, tamanho, enfim sua descrição física. Sua função e significado que se atrela a um valor de uso, emocional, simbólico e metafísico, este está diretamente voltado para interpretação. E sua história, sua gênese, seu uso e reuso.

E, a partir desta visão tridimensional, temos a reflexão dentro do espaço museológico, gerando uma disseminação do conhecimento cuja função socializa-se à medida que se aproxima daquilo a que chamamos de memória social.

Este ato de refletir está diretamente ligado ao ato de perguntar, se perguntar. E este ato é algo inerente ao ser humano, pela busca de uma resposta exata as suas indagações e ou pela saciedade de uma curiosidade efêmera. “Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças não questionadas por nós.” (CHAUI, 2000, p.6). Não estamos satisfeitos só com o que vemos, mas queremos saber o que é e tantas outras respostas, assim compreendemos a cada dia mais. A instituição museal não poderia ser diferente já que é feita para ser um espaço educativo como nos diz Pessanha:

Mais do que em discursos museais, eu falaria em argumentos museais. Os museus ao meu ver, e não só os museus, mas as ciências humanas também, e não só as ciências humanas, a filosofia também nós todos no dia-a-dia somos seres fundamentalmente argumentativos, persuasivos, o que é uma maneira de dizer que somos seres sedutores. Pretendemos cativas para nossas ideias, nosso ponto de vista, nossa causa, nosso programa, nosso partido, nossa religião, nossa mercadoria, nosso produto, nossa empresa, nossa pátria, nossa causa política, enfim, o tempo todo não simplesmente estamos nominando coisas. (PESSANHA, 1996, p. 33).

Considerações Finais

Enfim, através deste pequeno artigo, podemos perceber que adentrar no espaço museal e se questionar sobre os objetos e os enredos das histórias contadas ali é um fato e um ato que pertence aos seres humanos e que a cada momento estamos fazendo isso em tudo em nossa vida.

Também vimos que ao entender o espaço museológico, especificamente o museu histórico, como um espaço educativo não formal e filosófico que fornece ao indivíduo um campo de reflexão através dos objetos e que a presença de ações educativas nestes espaços contribui como um recurso didático metodológico, sendo este uma mediação entre o indivíduo e o objeto contribuindo para a construção de conhecimentos.

Referências Bibliográficas

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O primórdio do museu: da elaboração conceitual à instituição pública*. São Paulo: Projeto história, 1998.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Diagnóstico museológico: Estudos para uma metodologia*. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1, *Anais...* v. 3, p. 124-132, 2009.

CHAUI, Marilena. *Um convite à filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

JUNIOR, Laerth de Moraes Abreu. Por uma metodologia em cultura material educativa: trabalho com documentos sobre educação na primeira metade do século XX. *Revista Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 3, n. 1, p. 167-184, jan./jun. 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Para que serve um museu histórico? In.: *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista, 1995b.

MENESES, Ulpiano Bezerra. *O filósofo se debruça sobre o papel dos museus na sociedade contemporânea*. Entrevista, 2011. Disponível em: <http://defender.org.br/noticias/nacional/o-filosofo-se-debruca-sobre-o-papel-dos-museus-na-sociedade-contemporanea/>. Acesso em: 11 fev. 2014.

PASSOS, Marcos Uchoa da Silva. *Lendo objetos: A reconstrução do conhecimento histórico no Museu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Museu, ensino de história e sociedade de consumo*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

RUOSO, Carolina. *O Museu do Ceará e a linguagem poética das coisas*. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: Minc/ IPHAN/ DEMU, 2008.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. *Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, 2009.